

Texto 01

ENVELHECIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA DA TOTALIDADE SOCIAL: UMA ABORDAGEM CRÍTICA



Figura 1: Fonte: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/envelhecimento/texto/env10.htm>

Na modernidade, falar sobre o processo de envelhecimento e velhice soa como um desafio, por se tratar de um fenômeno heterogêneo, multifacetado e complexo. Enfatizamos que o processo de envelhecimento ocorre ao longo da vida humana, e a velhice é uma fase socialmente marcada, isto é, uma construção social. Consequentemente, ela vem permeada de valores condicionados pelo tempo e espaço, especialmente se a circunscrevemos à sociedade capitalista.

Assim, a velhice da população vem se consolidando como uma conquista humana. Porém, essa fase da vida também evidencia as expressões do embate entre capital e trabalho. Ou seja, embora a longevidade represente uma conquista histórica da humanidade, ela impõe desafios concretos, por ser um fenômeno imerso nas contradições da sociedade, como a exploração e a desigualdade social.

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial, já consolidado nos países desenvolvidos e em crescimento nos países em desenvolvimento. Os fatores responsáveis pelo aumento da população idosa têm sido amplamente discutidos, e podemos destacar o declínio das taxas de fecundidade, bem como das taxas de mortalidade, influenciando diretamente esses resultados. Esse fenômeno tem atraído a atenção mundial por sua relevância, sendo chamado por muitos estudiosos de “revolução demográfica”.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), nos próximos 43 anos o número de pessoas com mais de 60 anos de idade será três vezes maior do que o atual. Os idosos representarão um quarto da população mundial projetada, ou seja, cerca de 2 bilhões de indivíduos. O Brasil, até 2025, será o sexto país do mundo com o maior número de pessoas idosas.

Envelhecimento no mundo

Número de pessoas com 60 anos ou mais:

Mundo, países desenvolvidos e em desenvolvimento, 1950-2050

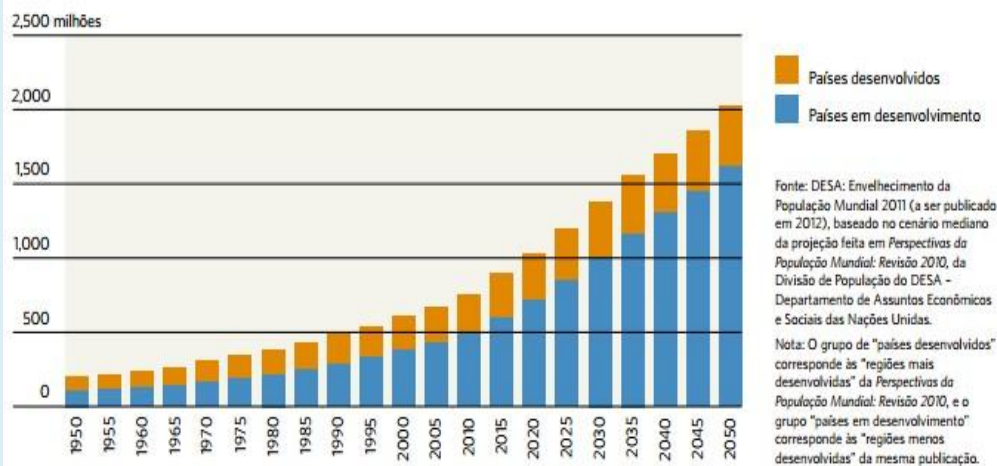
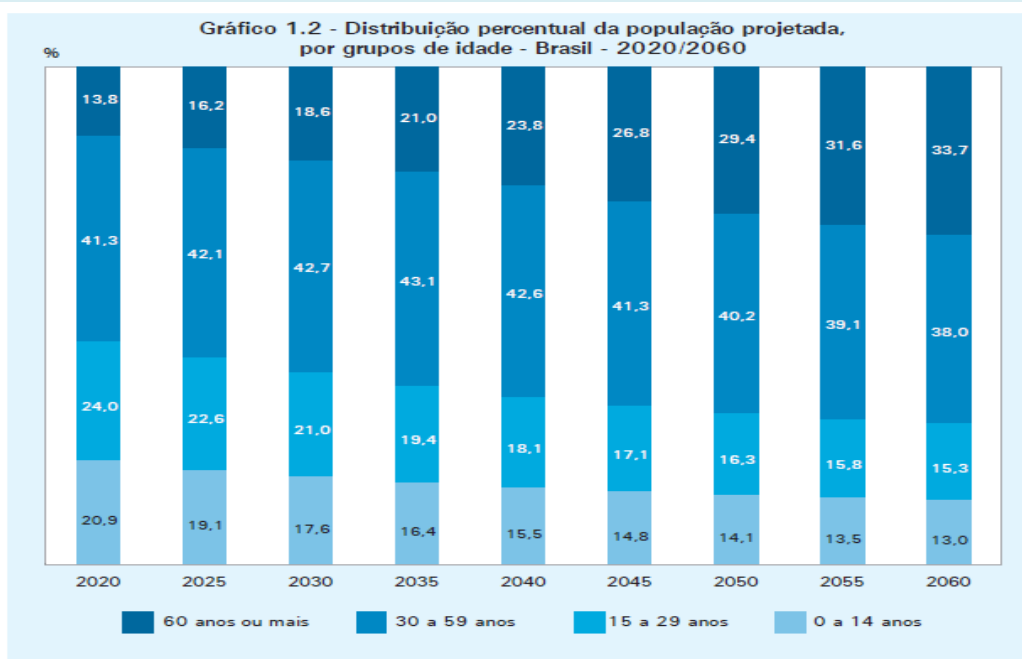


Figura 3: Fonte DESA (2012)

Envelhecimento no Brasil (2020-2060)



Fonte: IBGE, Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 2000/2060, Revisão 2013 e Projeção da População das Unidades da Federação por Sexo e Idade para o Período 2000/2030, Revisão 2013.

Figura 2: Fonte IBGE. Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 2000 a 2060. Revisão 2013 e Projeção da População das Unidades da Federação por Sexo e Idade para o Período 2000/2030. Revisão 2013.

Segundo os critérios da OMS, é considerado idoso o habitante de país em desenvolvimento com 60 anos ou mais, e o de país desenvolvido com 65 anos ou mais. Em 2050, a

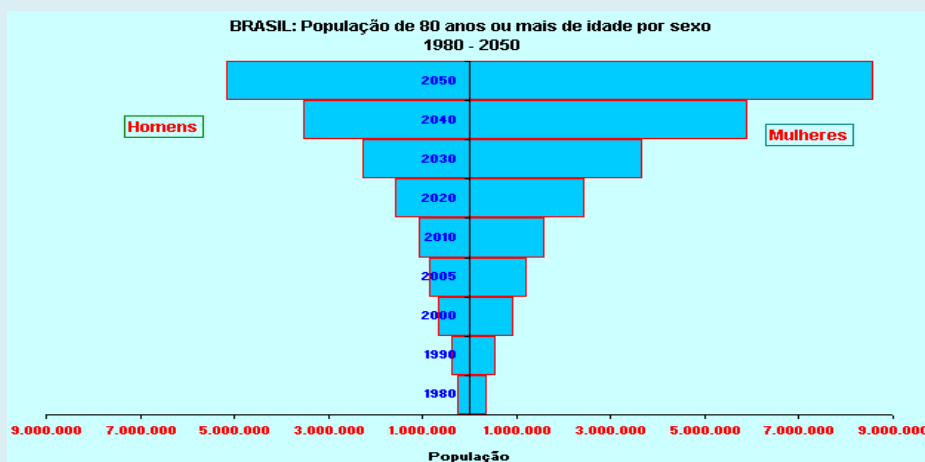


Figura 4 Fonte: IBGE.

expectativa de vida nos países desenvolvidos será de 87,5 anos para os homens e 92,5 para as mulheres. Já nos países em desenvolvimento, será de 82 anos para homens e 86 para mulheres.

As implicações do envelhecimento do perfil demográfico para as nações “em desenvolvimento” são diferentes dos impasses enfrentados pelos países “desenvolvidos”, justamente porque, nestes, o envelhecimento ocorreu de forma gradual, acompanhando a efetivação dos direitos sociais. Enquanto isso, nos países em desenvolvimento, esse processo tem ocorrido de forma acelerada, acentuando as expressões da Questão Social, que se transformam e se complexificam devido às relações de trabalho precarizadas. Isso se reflete nas condições de classe, etnia, gênero e outros marcadores sociais, como no caso brasileiro.

Sendo assim, atingir os 80 anos de idade é um privilégio vetado a diversas populações no contexto mundial. A desigualdade, que marca a vida de milhões de indivíduos e resulta na não realização de suas necessidades básicas e potencialidades humanas ao longo do curso de vida, permanece presente na velhice.



Figura 5: Fonte:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2014/01/18/interna-brasil,408597/mulher-de-100-anos-pede-esmolas-no-recife.shtml>

A constatação desse envelhecimento populacional motivou os organismos internacionais a compreender os impactos desse fenômeno, principalmente nos países onde ele ocorre de forma mais acelerada. No centro do debate está a seguridade social (previdência, saúde e assistência), diretamente impactada pelo aumento da demanda. Diante disso, esses organismos sugerem medidas preventivas para minimizar os impactos sobre os Estados Nacionais, enxergando a velhice como problema. Nessa perspectiva, orientam a adoção de modelos de desenvolvimento nos quais os idosos possam ser ativos e contribuir para a sociedade, compensando os custos que o Estado terá com esse grupo populacional.



Figura 6: Disponível em:
<https://noticias.r7.com/economia/um-em-cada-tres-idosos-com-mais-de-60-anos-continua-trabalhando-diz-pesquisa-29062022/>

Partindo dessas considerações, é válido salientar a importância de se discutir o envelhecimento humano na perspectiva da totalidade social, no qual: (i) considera o movimento histórico das relações sociais de produção e reprodução capitalista; (ii) considera a centralidade do trabalho, entendendo que o trabalho é o ato fundante do Ser social; (iii) aborda a velhice enquanto uma produção social, tendo em vista que, na sociedade moderna, essa análise não pode ser apartada da ordem sociometabólica da reprodução do sistema do capital; (iv) e adota o ponto de vista da totalidade social, em contraponto à racionalidade do sistema do capital. (Campelo e Paiva, 2014, p. 41).

A velhice, portanto, mostra-se heterogênea. O processo biológico do envelhecimento é atravessado por condicionantes sociais, que lhe conferem características específicas de cada sociedade e período histórico. Fatores como classe social, etnia, gênero, contexto rural ou urbano, atividade laboral, cultura, ideologia dominante, poder político e econômico, e relações entre Estado e sociedade civil, mediadas por políticas públicas que refletem interesses de classe, são decisivos nesse processo.

Esses condicionantes sócio históricos permeiam o indivíduo em todo o seu processo de envelhecimento e velhice, do nascimento até a morte. “Em todos os casos lidamos com construções sociais que não só descrevem, mas também atribuem significados, valor e função social aos diversos momentos e etapas da existência” (Magalhães, 1989, p. 17). É importante observar o envelhecimento sob a ótica do curso de vida e dos condicionantes sociais.

Ao afirmarmos que a velhice e o envelhecimento são heterogêneos, compreendemos que o idoso é o reflexo desse conjunto de condicionantes — resultado de um processo de vida. Não se trata de algo novo ou desconectado do que o sujeito foi e viveu. “[...] a velhice nunca será uma generalidade, no singular, mas ‘velhices’, dada a pluralidade de manifestações, numa mesma formação social, relacionadas às condições de vida e trabalho das pessoas” (Teixeira, 2009, p. 120).

Sob essa perspectiva histórica, fundamentada na categoria da totalidade, a velhice é compreendida como uma construção social fruto de uma sociedade que determina sua valorização ou marginalização a partir de múltiplos e contraditórios aspectos.

Assim, o processo de envelhecimento, na maioria dos casos, é atravessado por opressões que reforçam a subordinação da classe trabalhadora. O crescimento de discursos de ódio fortalece preconceitos, ignorando que as reivindicações dos setores subalternizados denunciam práticas que aprofundam as contradições vividas na velhice. Raça, etnia, gênero, identidade de gênero, deficiência e outros marcadores não podem ser subsumidos como agravantes da condição de classe nos modos de envelhecer.¹



Figura 7: Fonte: Revista do EDICC, v. 9, 2023

Não se trata de compreender o envelhecimento humano em seu aspecto “natural”, “atemporal” ou “global”, mas de compreender a velhice como produzida no interior da sociedade

¹ A imagem do “cata véio”, amplamente divulgada nas redes sociais digitais, foi utilizada aqui com o objetivo de suscitar uma reflexão crítica sobre os processos de estigmatização da velhice. Esse tipo de representação opera na lógica do estigma ao reforçar percepções depreciativas e discriminatórias sobre o envelhecimento, contribuindo para a construção social de imagens negativas da pessoa idosa. Ao evidenciar essa figura, pretende-se problematizar tais estereótipos e destacar a importância de promover uma cultura de respeito e valorização da velhice.

moderna. É a velhice reproduzida nos limites materiais e históricos do capital. Assim, seguimos o conceito de velhice, conforme Simone de Beauvoir (1990), como o resultado e o prolongamento de um processo que completa o curso da vida humana.

Neste sentido, a velhice é desvelada como um processo não meramente natural, não essencialmente casual, na medida em que está condicionada pelas relações sociais, isto é, pela estrutura de classes, que se sobrepõe aos fatores biológicos e cronológicos do envelhecimento humano.

Segundo a gerontologia social, a pedagogia da velhice encerra uma saída para a problemática vivida pelos velhos. Instrui os idosos a viverem, graças ao processo de ressocialização, da assimilação das "receitas gerontológicas" relativas à aprendizagem da arte de saber envelhecer, uma existência diferente daquela que é socialmente produzida. "É uma questão de educação"; "há necessidade de se criar escolas que ensinem os homens a serem velhos", insistem os especialistas. Propõem a ação de equipes multiprofissionais coesas em que o sucesso da prática pedagógica depende da utilização de técnicas eficazes.

O trabalho também ocupa lugar privilegiado no discurso gerontológico, sendo indicado como a melhor terapia para o envelhecimento. A proposta da extinção da aposentadoria por tempo de serviço emerge em discursos de gerontólogos. A realidade vivida na sociedade de classes é ocultada: o trabalho assalariado surge como solução para manter o sentido da vida humana. De forma sutil, questiona-se a aposentadoria — um direito conquistado com luta pela classe trabalhadora. Por fim, busca-se atingir a família, responsabilizando-a como protetora da velhice.

Crescem as sedutoras propostas de "socialização libertadora" e de propagação da cultura do lazer (pacotes turísticos para a "Melhor Idade"), remédios eficazes na cura dos males da "terceira idade"; surgem, ao mesmo tempo, programas para combater o estigma a que estão submetidos os idosos solicitando o apoio comunitário.

Além disso, circulam ideias sobre envelhecimento e velhice tanto de matrizes conservadoras quanto progressistas. Os discursos ideopolíticos disseminados nas estruturas sociais apontam para a



Figura 8: Fonte: OPAS (2005)

necessidade de repensar o sistema previdenciário. Há, também, ataques ao direito à saúde e uma tendência à “reprivatização” do envelhecimento, culpabilizando os idosos e suas famílias por suas condições de vida. Trata-se de uma política voltada ao envelhecimento ativo.

Medidas como a Emenda Constitucional nº 95/2016, que instituiu o teto dos gastos públicos, além da reforma da previdência, da focalização dos benefícios de transferência de renda e da privatização da saúde, contribuem para a naturalização da descartabilidade de trabalhadores/as idosos/as, cujas necessidades materiais deixam de ser garantidas.

Há, ainda, uma pseudovalorização do idoso nas políticas públicas, com a adoção de um estereótipo positivo da velhice que idealiza possibilidades individuais e nega os desafios estruturais impostos pela sociedade capitalista. A qualidade de vida na velhice aparece, assim, não como resultado das condições concretas de existência, mas como escolha individual.

Concluimos que compreender o envelhecimento e a velhice exige uma visão crítica que ultrapasse o que é dado de forma imediata. Nossa visão sobre o envelhecer é moldada pelas experiências pessoais e pelos complexos sociais, os quais formam opiniões, definem modos de ser e agir. Em outras palavras, o envelhecimento e a velhice são permeados pela ideologia dominante.



Figura 9 Fonte:

<https://resende.rj.gov.br/servicos/melhor-idade>

Desse modo, desvelar as produções sociais dos estereótipos da velhice exige a articulação entre historicidade, crítica e totalidade das relações sociais. Justamente, porque o processo de envelhecimento e velhice se dá em um determinado contexto político, econômico e social, que engendra nos sujeitos sociais a concepção do que deve ser e como se comportar nesta fase da vida.

É preciso que entendamos que o processo de envelhecimento ocorre durante o curso de vida e a velhice é uma fase demarcada cronologicamente pela sociedade e ambos os fenômenos são construídos socialmente.

Na contemporaneidade, o envelhecimento populacional tem se tornado assunto recorrente no cotidiano, ressaltamos que ele advém da efetivação de políticas públicas e dos

movimentos sociais que lutaram em prol do acesso aos direitos sociais, principalmente no âmbito do trabalho, saúde, assistência social, previdência, habitação, entre outros, Paiva (2014, p. 125) destaca que “[...] o envelhecimento populacional, longe de ser um dado natural, se configura como resultado da reprodução do sistema do capital.”

Sobre o ponto de vista do debate crítico o processo de envelhecimento e velhice também pode se tornar uma das expressões da questão social, na medida em que os sujeitos sociais envelhecem sob o tecido do modo de produção capitalista, e vivenciam as mazelas desse sistema de acordo com sua fração de classe social, “[...] a sociabilidade aparece como elemento principal do envelhecimento” (PEIXOTO, 2006, p. 69-70) e ainda frisamos Beauvoir (1990, p. 17): “[...] tanto ao longo da história como hoje em dia, a luta de classes determina a maneira pela qual um

homem é surpreendido pela velhice.”

Portanto, há de se destacar que a análise do processo de envelhecimento e velhice requer uma visão contextualizada, pois não é uma simples soma de fatores, e nem mesmo uma interposição dos mesmos, mas sim uma complexa teia de condicionantes sociais, políticos, econômicos, culturais (COSTA, 2015).



Figura 10. Fonte: Fonte: CFESS (2011)

Logo, sob a sociabilidade burguesa, envelhecer com dignidade se torna uma condição relegada a poucos indivíduos, apesar dos avanços da luta em prol desse direito humano, neste momento podemos recorrer à célebre frase de Bosi (1994, p. 18) “Que é ser velho? [...] em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem.”

Falar do processo de envelhecimento e velhice é uma temática contemporânea, é lutar e compreender nosso futuro e os desafios que enfrentaremos juntos no Brasil que envelhece. Ora, se mostra como de suma importância analisar a velhice populacional de forma crítica, pois os discursos disseminados no cotidiano, muitas vezes, a traz como uma fase coberta de limitações ou vem embutida a idealização de suas possibilidades, para, além disso, o discurso da burguesia traz a velhice dos (as) velhos (as) trabalhadores (as) como principal causa da “falência” do sistema de proteção social.

A análise sobre o processo de envelhecimento e velhice deve se pautar na afirmação de que envelhecer é um direito, porque o envelhecimento da população se mostra como uma conquista social, já que é fruto das melhorias das condições de vida de uma parcela da classe trabalhadora, entretanto, também se consolida como um desafio, uma vez que, na contemporaneidade, a luta do movimento social do idoso é para que esse triunfo social seja desfrutado por todos, para que se acresça qualidade de vida aos anos a mais vividos, para que verdadeiramente a velhice seja reconhecida como uma fase da vida que possui limites, mas também possibilidades. Que nossos (as) velhos (as) sejam libertos dos estigmas da improdutividade, inutilidade, e que sejam respeitados pela sua experiência e que sejam reconhecidos como sujeitos de direito, que possuem voz e vez.

Percebemos nitidamente que as garantias legais carecem de efetivação e concretização, especialmente se refletimos que essas garantias foram conquistadas em plena implantação do ideário neoliberal, como aponta Teixeira (2008, p. 291): “[...] a garantia desses direitos é ambígua, reafirma-os como responsabilidade do Estado e nega-os ao remeter a execução da política para a sociedade civil, campo da ajuda social e da lógica do mercado.”

Portanto, não podemos deixar de salientar que o movimento social que luta pelos direitos e reconhecimento da pessoa idosa no Brasil, tenta resistir a essa conjuntura adversa que lança cotidianamente novos desafios para esses atores sociais.

Diante do exposto, finalizo esse primeiro módulo, trazendo uma citação da Luiza Erundina (87 anos, assistente social e política brasileira), indo na contramão desta sociedade desigual, na qual se cogitou em classificar a velhice como doença:

“A velhice não é doença, não é defeito. A velhice não impede o sonho. Portanto, o sonho que me move, em relação às transformações que a sociedade precisa, não envelheceu.”
(Luiza Erundina)



Figura 11 Fonte:
<https://www.convita.org.br/campanha-velhice-nao-e-doenca/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPELO E PAIVA, S. de O. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital**. São Paulo: Cortez, 2014. 303 p.

COSTA, J. S. **Velhice, ideologia e crítica**: uma análise sobre a participação, protagonismo e empoderamento dos (as) velhos (as) nos espaços conferências / Joice Sousa Costa. – Franca: [s.n.], 2015.

MAGALHÃES, D. N. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M. M. L. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

TEIXEIRA, S. M. A delimitação de classe no processo de envelhecimento. In: ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, C. M. R. G.; CARVALHO, V. A. M. L. (Org.). **As diversidades do envelhecer**: uma abordagem multidisciplinar. Curitiba: CRV, 2009.

_____. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital**: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.